

A “CULTURA EXTREMA” ENQUANTO ESTRATÉGIA DE HEGEMONIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS ESCRITOS DE ANTÔNIO GRAMSCI

“EXTREME CULTURE” AS A STRATEGY OF HEGEMONY: AN ANALYSIS THROUGH THE WRITINGS OF ANTÔNIO GRAMSCI

Luciane Teixeira da Silva¹

Paolo Nosella²

RESUMO

O artigo discute o conceito gramsciano de cultura extrema enquanto estratégia de hegemonia. Isto é feito por meio da análise de três escritos de Antônio Gramsci, duas publicações de jornais e uma pequena redação da 5ª série primária. Parte da premissa que a cultura extrema é uma categoria de Gramsci, mas não é uma expressão utilizada por ele, de forma direta, como o conceito de hegemonia por exemplo. A análise dos textos demonstra que a cultura extrema revela um processo de conhecimento e se constitui em importante elemento de estratégia pela busca da hegemonia, pois é pela cultura que se transforma e se forma uma nova linguagem, capaz de subsidiar novas ações e novas direções.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento de Gramsci; hegemonia; cultura extrema.

ABSTRACT

The article presents a discussion through the concept of extreme cultura, as a strategy of hegemony. This is done through the analysis of three writings by Antonio Gramsci, two newspaper publications, and a small essay from the 5th grade. We start from the premise that extreme culture is a Gramsci category, but it is not an expression used by him, directly, as the concept of hegemony, for example. Through the analysis of the texts, we identified that extreme culture reveals a process of knowledge and constitutes an important element of strategy for the pursuit of hegemony, because it is through culture that a new language is transformed and capable of subsidizing new actions and new directions.

KEYWORDS: Gramsci's thought; Hegemony; Extreme culture.

¹ Estudante de Doutorado no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, linha: História, Filosofia e Sociologia da Educação. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. luciane.teixeira.silva@gmail.com

² Fez mestrado e Doutorado em Filosofia da Educação na PUC/SP, respectivamente, nos anos de 1977 e 1981. Professor titular em Filosofia da Educação na Universidade Federal de São Carlos/SP, onde trabalhou desde 1979 nos cursos de Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Fundamentos da Educação. Nesta, foi Diretor do Centro de Educação e Ciências Humanas (1980-1984), Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (1999-2000), Chefe do Departamento de Educação (2002-2005). Em janeiro de 2007, se aposentou. Integrou até dezembro de 2017 o corpo docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho de São Paulo (UNINOVE). Atualmente orienta Dissertações e Teses em Educação, em duas linhas de pesquisa: Trabalho e Educação; Instituições Educativas, como Professor Colaborador do PPGE da UFSCar. nosellap@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Os escritos de Antônio Gramsci sobre educação, trabalho, filosofia e cultura são amplamente utilizados como referência para a produção da pesquisa nas áreas de educação, filosofia, sociologia e outras. No Brasil, Jacomini (2018) estuda as contribuições do pensamento de Gramsci nas análises educacionais e identifica como esse autor é usado em teses e dissertações, revela que suas ideias sobre escola, trabalho, cultura e política são muito vivas e presentes na escrita da pesquisa brasileira. Se ele é muito utilizado, poderíamos pensar, que suas ideias são igualmente “requeentadas”, ou seja não há nada de novo que se possa extrair dos escritos desse intelectual, já que ele foi visto, revisto e discutido de várias formas.

Entretanto, há muita novidade e novas discussões sobre antigas ideias de Gramsci. Não é à toa que sua figura e seus escritos estão presentes em eventos, debates e publicações de jornais que revelam a contemporaneidade de seu pensamento. O que revela que a história se movimenta e os clássicos são convocados a auxiliar nas explicações e na direção das possibilidades. Entre diversos autores clássicos, Gramsci aparece como um dos principais. O que queremos dizer é que seu pensamento, produzido no contexto da atrasada Sardenha até a acelerada Turim, passando pela Rússia revolucionária, até sua morte no cárcere, foi e ainda é fértil para a produção de escritos, de pesquisas e para a formação de opinião.

Apesar do seu curto período de vida suas ideias são muito completas, no sentido de desenvolvidas, e refletem o percurso de sua vida, da vida de sua família, de seu partido político, o que ele viveu e as escolhas que fez. Podemos listar alguns exemplos. Ao falar das relações sociais na Sardenha, Gramsci discute como elas interferem desde a estruturação do trabalho até as relações íntimas das pessoas, para ele as relações sociais atrasadas influenciavam em todas os outros vínculos humanos. Ou quando ele fala sobre o trabalho que é o estudo, que cansa os músculos e os nervos, aborrece e faz sofrer, que não há nesse processo truques que enganam os mais pobres sobre as suas possibilidades.

Entre essas ideias completas temos os seus escritos sobre a cultura, que são bem usados e discutidos, nacional e internacionalmente. Então, o que há de novo em matéria de cultura que pode valer novas análises? Em primeiro lugar, há uma grade crítica dos leitores de Gramsci sobre como essas obras foram interpretadas, por vezes desconectadas do contexto histórico de onde elas foram produzidas, outras vezes por realizarem uma separação artificial da produção Gramsci entre períodos como, a sua juventude, a maturidade, a liberdade e o cárcere.

Há a necessidade de estudar esse autor, e os outros também, levando em consideração esses dois fatores. É preciso considerar as conjunturas, as circunstâncias para

entender de forma mais precisa o que foi escrito, além disso seu pensamento não pode ser separado em momentos, pois o Antônio que trabalhou em um Cartório na Sardenha é o mesmo que estava preso. Ele já tinha ideias e posições, recebia influências, desde a sua infância, e estas foram amadurecendo e se desenvolvendo.

Temos com base a premissa apresentada por Nosella (2017) no artigo “Gramsci professor – político”. Neste artigo ele reverencia a personalidade poliédrica de Gramsci e defende que em seu perfil político é possível também perceber o seu perfil de professor. O autor analisa a relação dialética entre a arte pedagógica e arte política presente não apenas na vida e na obra de Gramsci, mas imbricado em sua personalidade e refletido no que ele produziu. Assim, o autor enfatiza que ao estudar Gramsci, é importante, analisar o seu pensamento “interior” e também o “exterior”. O pensamento exterior pode ser caracterizado como as circunstâncias da sua vida, da sua formação, as suas atividades políticas – profissionais e a evolução de seu pensamento (NOSELLA, 2017, p 3).

Ao propor realizar essa análise sobre a dialética entre a arte pedagógica e política, Nosella afirma que há uma tendência professoral em Gramsci que ele integrou à sua prática política. Essa integração acontece no período de sua formação escolar, no trabalho militante de jornalista, nas atividades político partidárias e nas reflexões no cárcere. Existe uma “identidade dialética entre política e pedagogia na categoria básica de todo o pensamento gramsciano da unidade entre teoria e prática [...]” (NOSELLA, 2017 p.4).

Partindo deste princípio, neste texto vamos tratar da Cultura Extrema. A expressão Cultura Extrema é de Pier Paolo Pasolini, que a toma da Revista *Ragionamenti* e a utiliza para “traduzir/interpretar” Gramsci, limpando-a inclusive, do misticismo cultural presente na Revista³. Essa categoria se classifica como pensamento exterior pois ela está presente na forma como Gramsci defende a cultura. Não é uma expressão utilizada por Gramsci ou encontrada nesses termos nos cadernos do cárcere, por exemplo. A Cultura Extrema vai aparecer em seu lado exterior, nas suas atitudes, nas suas escolhas, nas suas atividades pedagógicas e em seus escritos jornalísticos.

A cultura é uma categoria central nos escritos de Gramsci, como a organização da Cultura, a sua difusão entre os trabalhadores, assim como a importante relação entre cultura e ensino (VIEIRA, 1999). É importante destacar que neste texto não vamos trabalhar apenas com o conceito de cultura, mas com ele adjetivado, como cultura extrema. Partimos de um princípio que vamos relembrar diversas vezes ao longo do texto: cultura extrema é dilatar o espírito.

³ Ver mais em: NOSELLA, Paolo. *Le ceneri di Gramsci*”, poema de Pier Paolo Pasolini: a crise de 1956 e a proposta da cultura extrema. *Rev. Bras. Educ.* vol.24 Rio de Janeiro 2019. Epub Aug 12, 2019

Assim, o objetivo é mostrar que Gramsci não se contentava com uma cultura menor ou pouca cultura, ele queria uma cultura que fosse capaz de ser revolucionária, primeiro para o sujeito⁴, segundo para a história, por isso extrema.

Para isso, analisamos quatro textos produzidos no período anterior ao cárcere. Um texto produzido no período de transição da infância para a adolescência de Gramsci. Uma redação sem título produzida para sua avaliação final na 5ª série e mais dois textos do período do Jornalismo Militante (Manacorda, 1990), respectivamente: Socialismos e Cultura e Universidade Popular.

Vieira (1999) analisa a experiência política e intelectual de Gramsci nos anos anteriores a prisão. Nesse período, afirma, foi elaborado o conceito de cultura, decisivo para a compreensão da sua concepção de formação humana. Para o autor o projeto intelectual gramsciano, amplamente discutido nos Cadernos, foi preparado nesse período.

Destacamos o período anterior ao cárcere como um momento de gestação de suas ideias, por conta da intensa atividade política nos jornais, no Partido, como estudante em Turim e como uma criança na Sardenha. Todos esses momentos foram importantes para a composição do perfil de Gramsci. Naquele artigo destaca-se um perfil “professor-político”. Aqui queremos destacar um perfil culturalista. De quem defende a cultura ao máximo do que ela pode oferecer ao espírito.

Com efeito, durante o período no Cárcere Gramsci elaborou e colocou em prática um plano para manter-se vivo, física e mentalmente. Com a expressão *für ewig*, que aparece na carta do cárcere à cunhada Tânia em março de 1927, Gramsci qualifica os seus estudos dos cadernos, que ele pretendia fazer na prisão, a tradução dessa expressão alemã é “para sempre”. Com o uso dessa expressão Gramsci explica à Tania o desejo de que os seus escritos não se limitem à situação contingente de preso, mas que transcendam o cárcere.

Estou atormentado (e, este penso, é um fenômeno dos prisioneiros) por esta ideia: de que é preciso fazer algo *für ewig*.[...] Em suma, segundo um plano preestabelecido, gostaria de me ocupar intensa e sistematicamente de alguns temas que me absorvessem e centralizassem em minha vida anterior (FORENZA *in* LIGUORI e VOZA, 2017, p.323)

A carta foi escrita um ano após a prisão de Gramsci, ele morreria dez anos depois, em 1937. Neste trecho ele reconhece o limite que a prisão colocou em sua vida, por isso engendra esse plano para ocupar sua mente e o seu corpo com temas que foram vivos na sua vida anterior ao cárcere.

⁴ Gramsci considerava o sujeito como espírito.

A REDAÇÃO DA 5ª SÉRIE PRIMARIA – 1903

A redação foi escrita em 1903, quando Gramsci estava na 5ª série, avaliada pelo seu professor Raffaele Garzia e recebeu a nota máxima. Na época com 12 anos, Gramsci deveria escrever um texto a partir da seguinte pergunta **“se um colega seu abastado e muito inteligente lhe dissesse que pretendia abandonar a escola, o que lhe responderia?”** Segundo Nosella, citando D’orsi, essa redação “evidencia não só o notável desempenho de um menino de 12 anos, mas, sobretudo, porque o conteúdo marca, grosso modo, “uma linha de vida⁵ da qual jamais se afastará.” (Apud D’Orsi, 2017, 36)”.

Utilizamos essa redação para analisar a cultura extrema pois ela revela que o quase adolescente Gramsci já apresentava sinais da compreensão da sua condição social e da sua família, indicados pelo apego e valor que atribuía aos estudos.

Abaixo a transcrição da redação:

Você diz que não voltará a estudar porque os estudos ficaram chatos. Como? Você que é muito inteligente e a quem, graças a Deus, não falta o necessário, quer abandonar os estudos? E diz para eu fazer o mesmo, porque é muito melhor correr pelos campos, frequentar festas e públicos locais de diversão do que estar trancados durante quatro horas todo dia numa sala com o professor que reza em nossas cabeças para estudar para não ficarmos ignorantes. Mas eu, caro amigo, jamais poderei abandonar os estudos que são minha única esperança de poder viver honrosamente quando estiver adulto, porque, como bem sabe, minha família não é rica de bens e fortuna.

Quantas crianças pobres invejam você, elas que desejariam estudar, mas a quem Deus não deu o suficiente, não apenas para estudar, mas, muitas vezes, nem sequer para comer.

Eu as observo de minha janela e vejo com que olhos fitam as crianças que passam com suas bolsas a tiracolo, em quanto elas só podem frequentar a escola de noite.

Você diz que é rico, que não precisará dos estudos para viver, mas, lembre o ditado “o ócio é o pai dos vícios”. Quem não estuda quando jovem, quando velho se arrependerá amargamente. [...]

Volte aos estudos, caro Giovanni, neles encontrará todos os bens possíveis. (Gramsci, In: D’Orsi, 2017, 36-37).

A partir do comando para a construção da redação Gramsci apresenta alguns argumentos para convencer o seu colega abastado sobre as consequências de largar os estudos e se coloca como exemplo: *“mas eu, caro amigo, jamais poderei abandonar os estudos que são minha única esperança de poder viver honrosamente quando estiver adulto, porque, como bem sabe, minha família não é rica de bens e fortuna.”* Enquanto seu colega rico e inteligente quer largar os estudos para aproveitar o tempo livre, Gramsci chama atenção que estudar que, para ele, é a única possibilidade de uma vida diferente, melhor do que a vida que ele teve.

⁵ A linha a que D’orsi faz referência é a da repulsa aos ricos.

“Quantas crianças pobres invejam você, elas que desejariam estudar [...] Eu as observo de minha janela e vejo com que olhos fitam as crianças que passam com suas bolsas a tiracolo, enquanto elas só podem frequentar a escola de noite.” Para as crianças como ele, pobres também, é preciso o melhor ensino, de mais qualidade, mas para essas crianças fica reservado o ensino noturno, e ele sabe que a escola noturna para quem precisa trabalhar e estudar não terá a mesma qualidade.

Aos abastados o melhor ensino e a melhor cultura, às crianças pobres o ensino menor, noturno. *“Você diz que é rico, que não precisará dos estudos para viver”* essa frase é fantástica, podemos ver que no futuro Gramsci desenvolve em suas ideias e escritos essa relação de importância, entre a condição social e a função dos estudos. Para a classe trabalhadora é importante conhecer, aprender, desenvolver suas habilidades, ter acesso ao melhor e mais ampla bagagem de cultura.

A que interessa aos ricos estudar, se eles já têm tudo? O Estudo seria apenas mais um penduricalho? (pergunta em sua redação). Mas ao pobre não, ao pobre o estudo é importante enquanto ferramenta para o seu processo de libertação.

Essa redação foi escrita por uma criança pobre e doente (Gramsci sofria de uma doença chamada Mal de Pott ou tuberculose vertebral, doença que causa fortes dores e é degenerativa), que não muito tempo depois precisou abandonar os estudos em função do encarceramento do pai, precisou trabalhar em um cartório onde carregava muito peso, o que lhe causava mais dores e não integrava em nada o seu desenvolvimento intelectual.

Temos uma linha de pensamento desenvolvida na redação: o estudo é importante, principalmente, para às crianças mais pobres, como ele; é preciso o melhor e mais completo acesso ao conhecimento, não o ensino noturno; mesmo que os ricos digam que não precisam de estudo para sobreviver, pobres e ricos encontraram no estudo “*todos os bens possíveis*”.

Isso revela o conhecimento sobre a sua condição e o valor que ele atribuía aos estudos. Valor que mais adiante em sua vida queria divulgar às outras pessoas aos colegas do partido, aos trabalhadores. Ele sabia o valor que o estudo teve em sua vida, foi por conta dele que saiu de sua cidade natal, foi por conta dele que conheceu outros países, que ele escrevia para jornais, que trabalhava em um partido. Gramsci em sua redação da 5ª série não teoriza sobre o socialismo revolucionário, mas revela conhecimento sobre a sua situação, sobre o que era a melhor escolar, mesmo que seja numa visão de uma criança de 12 anos, ele entende as diferenças, ele sabe que não é como seu amigo Giovanni que pode desistir dos estudos em troca de um pouco de liberdade, ele sabe que pra ele, e para pessoas como ele o estudo é muito importante. E isso é uma marca desenvolvida em suas ideias e seus escritos futuros.

Socialismo e Cultura – Jornal Il grido del Popolo – 1916

Neste texto publicado no jornal Il Grido del Popolo, Gramsci se posiciona em defesa de seu colega Tasca. No congresso Nacional da Juventude Socialista de 1912, enquanto havia um debate sobre “educação e cultura da juventude” Bordiga, relator do debate, defendia a tese de que “uma pessoa não se torna socialista com a instrução, mas por necessidades reais da classe a que pertence”. De outro lado, Tasca defendia um movimento de rejuvenescimento do socialismo italiano e uma renovação cultural. Por conta desta defesa, Tasca foi acusado de “culturalista”.

Naquele momento, de defesa da renovação do socialismo italiano, Gramsci não deixou o fato passar despercebido e usou o seu instrumento, os artigos de jornais, para discutir sobre cultura. Começa o seu artigo fazendo críticas irônicas sobre a maneira como a cultura é tratada, enquanto uma entidade, transcendental, fora de nós. Utiliza dois autores, o alemão Novalis e o Italiano Vico, para chegar a seguinte afirmação “a cultura vai ser alargando ao passo que conhecemos a nós mesmos.”

De maneira muito clara defende o que é e qual a função da cultura, mostrando que ela precisa ser um campo fértil e vivo e não um acumulado de ideias mortas, que nada fazem a não ser se aglomerar e garantir ao seu possuidor uma certa arrogância.

Nesse texto Gramsci defende a tese de que a cultura é conhecer a si mesmo, não de forma superficial, mas um profundo conhecer a si a mesmo, enquanto sujeito histórico. Escreve ele que “cultura é conhecer a si mesmo, é ter consciência da sua condição, do seu lugar na história”. E dessa forma ter consciência do seu papel e da sua função social.

Por meio do movimento da história os homens saberão situar-se, descobrirão seu papel. Ao contrário do que o colega Bordiga pregava, defendia que cultura advinha do conhecimento. Por meio do conhecimento se constrói as críticas e por meio destas se forma a consciência. Para ele “crítica quer dizer cultura e não evolução espontânea e naturalista”.

Cultura é consciência do eu, julgamento dos fatos e dos acontecimentos e isso só é possível por meio da instrução e do conhecimento. As pessoas não vão simplesmente se revolucionar por pertencerem a determinada classe, a tomada da cultura precede a tomada de consciência. Desse modo Gramsci retira o caráter espontâneo e natural do processo de formação de consciência e de revolução, para ele este processo é mediado pela instrução e não pelo pertencimento em determinada classe social.

A cultura é coisa bem diversa. É organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior pela qual se consegue compreender o próprio valor-histórico, a própria função na vida e os próprios deveres[...] só grau a grau, estrato a estrato, a humanidade adquiriu consciência do seu próprio valor e conquistou o direito de viver independentemente dos esquemas e dos direitos de minorias afirmadas num tempo precedente. E esta consciência formou-se não sob o ferrão brutal das necessidades fisiológicas, mas pela reflexão inteligente, primeiro por alguns e depois por toda a classe, sobre a razão de certos fatos e sobre os meios considerados melhores para os converter de ocasião de vassalagem em insígnia de rebelião e de reconstrução social. Isto quer dizer que cada revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de permeabilização de ideias através de agregados de homens, primeiro refratários e somente virados para resolver dia a dia, hora a hora, o seu problema econômico e político, sem laços de solidariedade com os outros que se encontram na mesma condição. (GRAMSCI, 1916, p. 36).

A Universidade Popular – Jornal Avanti! – 1916

Neste artigo é reafirmada a tese exposta no artigo anterior de forma mais direcionada aos trabalhadores, o proletariado, pois estes precisam ter acesso ao mais amplo e sólido conhecimento, que é o meio dele alcançar a cultura.

Neste artigo publicado no jornal AVANTI!, de 1916, Gramsci faz críticas pontuais ao programa da Universidade Popular da cidade de Turim para o período 1916 – 1917. As críticas são direcionadas desde aos títulos das conferências, que segundo ele não apresentavam nenhuma seriedade, ao programa, que não impunha respeito e não recebia atenção, até ao fato de o programa não conhecer e não exercer a sua função política.

Perguntam-nos, às vezes, porque é que não foi possível solidificar em Turim um organismo para a divulgação da cultura [...] A resposta não é fácil, ou é muito fácil. Problema de organização, sem dúvida, e de critérios informativos. A melhor resposta deveria consistir em fazer alguma coisa de melhor, na demonstração concreta que se pode fazer melhor e que é possível reunir um público à volta de um fogo de cultura, contanto que este fogo seja vivo e aqueça de verdade. Em Turim, a Universidade Popular é uma chama fria. Nem é Universidade nem popular. (GRAMSCI, 1916, 37)

A Universidade Popular deveria se impor como um organismo central para a divulgação da cultura, deveria ser melhor do que a universidade “comum”, aquecendo as pessoas no fogo da cultura, vivo e quente. No entanto, Gramsci identifica que os seus dirigentes não sabem “organizar a cultura” pois são guiados por um sentimento de beneficência e assistência, enquanto deveriam ser guiados pelo desejo das massas de aprender.

Neste artigo ele chama atenção para a questão da integração de conhecimentos e “culturas ruins”, que não trariam nenhum benefício, ou pior, causariam indigestão. Ele alerta para este conhecimento que está sendo organizado e divulgado (pelo programa Universidade Popular), ele não deveria ser organizado de qualquer maneira. Mais uma vez se preocupa que seja o conhecimento e a cultura mais amplo e mais rico possível. Gramsci destaca que o

programa da Universidade popular, assim “como nas instituições de vulgar beneficência, aqueles distribuem, na escola, uma quantidade de víveres que enchem o estomago, produzem, (quem sabe!) indigestões de estomago, mas não deixam um sinal, não tem um seguimento de nova vida, de vida diferente.” (IDEM).

Ele usa essa metáfora sobre os víveres para explicar que o conhecimento e a cultura são alimentos necessários à sobrevivência humana, mas ao serem integrados ao organismo humano, se forem podres, poderão prejudicar, adoecer e até matar. Mas, os bons alimentos irão auxiliar na manutenção do nosso corpo e promover benefícios. Ou seja, a integração precisar ser às coisas ricas e positivas. A Universidade Popular não fazia isso.

Ele observa que não é suficiente apenas um local com o título de Universidade e que receba o povo para lhes ofertar o ensino. Ele está preocupado que este ensino seja o melhor possível, que a cultura ali divulgada, aprendida e discutida seja radical, no sentido de ir na raiz das coisas. Que ela seja viva, quente e que isso alcance o espírito das pessoas.

A Universidade Popular deveria atender trabalhadores que não tiveram acesso ao ensino em uma determinada idade e momento da sua vida, por isso, ela tinha que ser diferente da Universidade comum. Ao passo que aquela do programa era uma caricatura malfeita de uma Universidade, guiada por um sentimento de assistência e não por um “desejo vivo das massas” (IDEM).

Enquanto a Universidade Popular seguia um caminho de redução do conhecimento, Gramsci propunha em seu artigo uma orientação didática sobre a melhor forma de ensinar os jovens e adultos. Para ele, essas pessoas já são frutos de um processo anterior de ensino, sobre a vida, sobre o conhecimento, e não chegam vazias a uma escola. Por isso ele defende que ao ensinar essas pessoas seria preciso manter o foco no processo de produção do conhecimento, nos erros e acertos presentes no caminho do estudioso que o produziu.

[...] os professores dignos desse nome, no momento de educar, dão uma grande importância **à história da matéria que se propõem ensinar**” (Gramsci, 1916). Esse simples, mas poderoso ensinamento de Gramsci, é radical no sentido de apresentar ao estudante não apenas o resultado do conhecimento, mas o caminho percorrido que levou a esse resultado, a série de esforços, erros e vitórias. Segundo ele, essa

[...] “forma o estudioso, dá ao seu espírito a elasticidade da dúvida metódica que faz do diletante o homem sério, que purifica a curiosidade, vulgarmente compreendida, e a transforma em estímulos são e fecundo do cada vez maior e perfeito conhecimento. (Gramsci, 1916)

Gramsci se baseia em sua experiência pessoal como estudante universitário, relembra que as suas aulas mais significativas foram aquelas em que o percurso do método, o trabalho de pesquisa lhe foram apresentados. Percebemos mais uma diferença do pensamento de Gramsci, apenas o conhecimento sobre determinados fatos não é suficiente ao trabalhador que procura a escola, é preciso mostrar o caminho percorrido até ele. E isso revela a cultura extrema, pois não é decisivo apenas estar na escola ou na universidade recebendo conhecimento, é mais importante ainda conhecer como se chegou a determinado conhecimento.

Neste artigo de jornal Gramsci nos mostra que a Universidade popular, ambiente que deveria permanecer aquecido pelo fogo da cultura, deveria então ser baseado na pesquisa, na história dos conhecimentos, provocando em seus alunos a dilatação dos seus espíritos pela construção de novas hipóteses, pela integração dos novos conhecimentos com os antigos, enfim pela expansão de seus conhecimentos, não pelo acúmulo de conhecimento. Expansão pois o estudante não encontraria aquele “conteúdo” pronto e acabado, ao conhecer o processo ele expandiria cada vez mais o seu repertório de conhecimento.

O ensino desenvolvido dessa maneira, torna-se um ato de libertação. Tem o fascínio de todas as coisas vitais. Deve afirmar a sua eficácia especialmente nas universidades populares, visto que aos ouvintes destas, falta precisamente aquela formação intelectual que é necessária para se poder enquadrar num todo organizado os dados singulares da análise. (GRAMSCI, 1916 p. 38).

CONCLUSÃO

O objetivo desse artigo foi discutir sobre a cultura extrema a partir da análise de alguns escritos de Antônio Gramsci. Os textos selecionados foram escritos em momentos diferentes da vida de Gramsci no período anterior ao cárcere. O primeiro, enquanto uma criança na Sardenha e os outros dois como um jovem jornalista, estudante e militante em Turim.

A escolha dos textos foi baseada no critério exposto na introdução, queríamos apresentar a Cultura Extrema como uma ideia exterior ao pensamento de Gramsci, presente em suas escolhas, atitudes e na condição que ele viveu. Dessa forma, pretendíamos apresentar que o ensino e a cultura que Gramsci defendia se desenvolveria por meio de um amplo processo, capaz de dilatar e aquecer o espírito de quem os alcançasse.

Em sua redação da 5ª série foi possível identificar alguns aspectos da cultura extrema. Para um jovem de 12 anos Gramsci chama atenção acerca do rigor e seriedade em relação aos seus estudos. Argumenta que os estudos são a única esperança para que as crianças pobres tenham um futuro honroso. Ele identifica que a escola noturna não oferece o melhor

ensino, por isso, os jovens ricos deveriam valorizar a sua sorte de poder frequentar uma escola no período diurno, onde poderiam encontrar melhores condições.

No texto a Universidade Popular, Gramsci empreende uma crítica ao programa da Universidade Popular realizado em Turim. Critica a falta de seriedade do programa, a ausência de integração aos “desejos vivos das massas por meio do ensino”. Isso acontece por conta do uso de um modelo piorado de instituição de ensino já existente (a universidade) que desprezava a capacidade dos alunos enquanto produto de um processo histórico.

Ainda nesse texto apresenta uma proposta didática. Para ele a melhor forma de ensinar é mostrando o caminho que foi percorrido até se chegar ao fato. Isso é muito mais importante do que o fato em si. Dessa forma é mostrado o valor dado a história, aos que vieram antes deles e empreenderam maravilhosos conhecimentos sobre as ciências. Por exemplo, dizer ao aluno que a fórmula da água é H₂O é um fato que pode ser decorado, não precisa de muita compreensão e nem ativar a sua cabeça.

No entanto, ao explicar aos alunos o processo que levou a essa descoberta, é revelado também o caminho de erros e acertos, da construção do conhecimento, enfim, do processo de descoberta. E isso para Gramsci era a riqueza do processo de ensino, isso era expandir o espírito. Apenas conhecer uma fórmula só tornaria o estudante o conhecedor dela, mas conhecer a história do processo de pesquisa aplicado para se chegar a essa fórmula apresentaria a esse aluno um amplo campo de conhecimento, isso é um exemplo de cultura levada ao extremo.

Isso é o conhecer a si mesmo, aos outros e a história, o que evitaria as coisas dadas e a arrogância. Por isso que a cultura extrema não é um ato isolado e espontâneo, ela é fruto de um processo, da história, da unidade das histórias que identificam e unem uma classe. “Aprender tudo sem perder de vista o objetivo último que é o de conhecer-se melhor. A si próprio através dos outros e de si próprio”.

Por meio da análise desses textos é possível afirmar que a cultura extrema é oferecer as pessoas o melhor e mais completo ensino, com rigor e seriedade. Realizando um profundo e radical conhecimento de si mesmo, não em um sentido psicológico e egoísta do eu, mas um conhecimento social e histórico, sobre as condições da sua classe.

O conceito de Cultura Extrema é importante para a compreensão de outras ideias gramscianas como a Escola Unitária e Hegemonia. Gramsci idealiza uma escola que fosse de “elevada cultura para todos”. Ele não desejava apenas o despejar de conhecimentos, a promoção do acesso à literatura, à música e aos grandes concertos. Cultura não seria, assim, uma questão

de acesso pois os ricos têm acesso à cultura, ao conhecimento e a sua história, e isso só os faz desajustados, apenas depósitos de conhecimentos, arrogantes e diletantes.

Por isso que Gramsci não acredita em qualquer cultura. Para ele cultura precisa ser fértil e não produzir desajustados, precisa ser quente, viva, estar em movimento, por isso a cultura seria tão importante para a classe trabalhadora. Defendia também o melhor ensino, por meio de uma escola de elevada cultura para todos e não remendos de escola que só aprofundariam as desigualdades. A vida, o movimento da vida dos trabalhadores, é o que iria permitir que esse fogo de cultura permanecesse também vivo. A Cultura Extrema também seria estratégia para o alcance da hegemonia, considerando hegemonia como direção e não dominação, por meio do acesso à cultura extrema os trabalhadores poderão provocar mudanças e revoluções.

Cultura extrema é uma expressão utilizada por Gramsci, sendo uma categoria que ajuda a explicar o projeto de formação dos trabalhadores, tendo sido gestada e preparada ao longo de sua vida, colocada em prática quando teve a oportunidade e transformada em *Für ewig*. Explica a tese defendida nesse texto, de que os estudos dos proletariados têm que tender ao extremo porque extrema foi a repressão da burguesia e só uma cultura extrema poderia contrabalançar historicamente essa repressão extrema.

REFERÊNCIAS

D'ORSI, Angelo, **Gramsci, una nuova biografia**. Editore Giangiacomo Feltrinelli, Milano, 2017.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Volume 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

JACOMINI, Márcia Aparecida. **Os escritos de Antônio Gramsci e obras de intérpretes em teses e dissertações sobre políticas educacionais (2000-2010)**. Educ. rev. vol.34 no.72 Curitiba Nov./Dec. 2018.

MANACORDA, Mario. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NOSELLA, Paolo. **Gramsci professor-político**. Rivista Filosofia Italiana. pp. 129 a 147. XII (2017), 2.

_____, Paolo. **“Le ceneri di Gramsci”**, poema de Pier Paolo Pasolini: a crise de 1956 e a proposta da cultura extrema. Rev. Bras. Educ. vol.24 Rio de Janeiro 2019 Epub Aug 12, 2019

_____. **Gramsci e os educadores brasileiros: um balanço crítico**. In: NOSELLA, Paolo et al. Qual compromisso político? Bragança Paulista: Edusf, 1998. p. 23-42.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antônio Gramsci**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 51-66, jan./jun. 1999

Recebido em: 04/11/2019

Aprovado em: 12/12/2019